

LITERATURA BRASILEIRA  
Textos literários em meio eletrônico  
Gregório de Matos

Obra Completa, de Gregório de Matos, vol. V,  
Janaína, Salvador, 1972

MARIANA, APELIDADA A ROLA

"Foy Dama, em quem admirou esta cidade huma prodigiosa transmutação: porque sendo em suma pobreza pouco parecida, aconteceu, que pedindo huma esmolla a Thomaz Patrício mercador Inglês chamado Mazullo, por ter hum esquipatico nariz, se namorou della de tal sorte, que dispendeo com ela grosso cabedal, trajando ricas, e custosas galas, e assim se fêz admiravelmente formosa. Esta algumas vezes he tratada pelo seu nome, e outros pelo poético disfarce de Anarda."

(Manoel Pereira Rabelo, Licenciado)

"Também você tem licença  
(me disse a Môça) porque  
onde há lei de cortesia  
não val comigo outra lei"

"Era uma estrêla? pior,  
a estrêla que tem que ver?"

**FOI VISTA ESTA DAMA PELO POETA EM CASA DE HUA AMIGA INDO DIVERTIR-SE  
AO CAMPO COM CERTO SUGEYTO.**

ROMANCE

Eu vi, Senhores Poetas,  
quarta-feira pelas três  
do presente mês, que corre,  
o prodígio, que direi.  
la eu por certo bairro,  
que agora calar convém,  
porque o lanço me não furtem,  
ao campo a esparecer.  
Acompanhava-me entonces  
um amigo, que à mi fe  
e douto disto de fêmeas,  
porque as conhece el por el.  
Eis que em frente de uma porta,  
que sua urupema tem,  
ouvimos um ruge-ruge  
da sêda de um guarda-pé  
Chegou logo o tal amigo,  
que no que toca a saber  
segredos, de quem será,

e grandíssimo corcês.  
Chegou, como tenho dito,  
e mesurado de pés  
abriu a urupema, e disse,  
sois vos, Dona Bersabé!

Ao que ela respondeu logo,  
esta sou: entre você;  
ia ele ja quase entrando,  
quando eu da rua gritei:  
"Tá, que não é cortesia  
entrar só vossa mercê,  
deixando-me a mim na rua,  
que de inveja morrerei"  
"Também você tem licença  
(me disse a Môça) porque  
onde há lei de cortesia  
não val comigo outra lei."  
Palavras não eram ditas,  
quando eu logo a quatro pés  
me emboquei pela urupema,  
tomei vênia, e me assentei.  
Fitei os olhos na Môça  
e embasbacado de a ver  
estive co'a alma no papo  
morrerei não morrerei.  
Mas subindo-me a memória,  
que era obrigado por fé  
servir ao menos sete anos  
Jacó a bela Raquel;  
Acordei do paracismo,  
e fiz tanto por viver,  
que estou capaz de pintar-vos  
quão jeitosa a Môça é.  
Era, se creio a meus olhos,  
e e crível o meu pincel,  
Anjo disfarçada em Dama,  
ou flor mentida em mulher.

Era um sol: mal a comparo:  
porque o sol que tem que ver,  
tendo a caraça redonda  
mascarada de ouropel?  
Era uma estrêla: pior,  
a estrêla que tem que ver?  
é pisca em anoitecendo,  
e vesga ao amanhecer.  
Era uma jóia; mal disse;  
porque com quatro vinténs  
se compra uma boa jóia,  
e esta Môça nem com dez.  
Era um diamante; tampouco,  
que o diamante vem a ser  
um parto bruto da terra,

e ela imagem de Deus é.  
Eu digo desta vez: era  
Maria: mas não sei, em que  
se me pega a voz, que enfim  
não acabo de o dizer.  
Digo, que era Mariana  
"disse-o?" que remédio tem?  
já dei co segrêdo em terra;  
mal fiz: mas aliviei.  
É linda; e que manso o digo:  
tem garbo: e como que o tem,  
e bonita, não sei como,  
e tem gravea como quê.  
Mais que o favor, e o carinho  
da mais formosa mulher  
val de Mariana um riso:  
que digo um riso? um desdém.

Neste estado ia o debuxo  
dêste meu tosco pincel,  
quando pela porta entrou  
todo o firmamento a pé.  
Entrou uma linda Môça,  
que mora logo através,  
pela porta do quintal,  
traidoramente fiel.  
Fizemos-lhe a reverência,  
e ela com gentil prazer  
nos disse "as de vossarcedes,  
e nos as de vossarcê."  
Foi-se a ela o meu amigo  
quel Pirata Dunquerqué,  
e a rendeu a bom partido,  
porque pediu bom quartel.  
Estimei a ocasião,  
porque co'a outra fiquei  
tão só, que os meus segredinhos  
lhe pude entonces dizer.  
Fretam-nos finalmente  
para a semana, que vem,  
que por estar achacada,  
de achaque se quis valer  
A outra Môça do amigo  
ficou fretada também  
para qualquer outro dia,  
porque bem sabe em qualquer.  
Isto, Senhores Poetas,  
é, o que a quarta passei,  
e o que suceder à quinta  
darei a vossas mercês.

**RECOLHIDO O POETA A SUA CASA ASSASMENTE NAMORADO QUE HAVIA VISTO:  
NAO PÓDE SOCEGAR SEU AMANTE GENIO, QUE LHE NÃO MANDASSE NO  
OUTRO DIA ESTE ENCARECIMENTO DE SEU AMOR.**

**SONETO**

Ontem quando te vi, meu doce emprêgo,  
Tão perdido fiquei por ti, meu bem,  
Que parece, êste amor nasce, de quem  
Por amar-te já vive sem sossêgo,

Essa luz de teus olhos me tem cego,  
E tão cego, Senhora, êles me têm,  
Que é fineza o adorar-te, e assim convém,  
A ti, ó rica prenda, o desapêgo.

Eu buscar-te, meu bem, isso é fineza,  
Tu deixares de amar-me é desfavor,  
Eu amar-te com fé, isso é firmeza.  
Tu ausente de mim, vê, que é rigor,  
Nota pois, que farei, rica beleza,  
Quando amar-te desejo com primor.

**TORNA O POETA A INSTAR SEGUNDA VEZ SEM SE AFASTAR DO SEU  
ENCARECIMENTO**

**DÉCIMA**

Maricas, quando te eu vi,  
tanto a minha alma roubastes,  
que não sei, se me acabastes,  
ou se eu fui, que me perdi:  
porém sempre presumi,  
que êste amor, que há entre nós,  
causa pena tão atroz,  
que a mim no fim me tem pôsto,  
porque nada me dá gôsto  
quando me vejo sem vós.

**A MUDANÇA QUE FEZ ESTA DAMA FAZ AGORA O POETA MENÇÃO**

**DÉCIMAS**

**1**

Tenho por admiração,  
Menina, e por coisa rara,  
que mudásseis vós de cara,  
porém não de condição:  
vendo-vos nesta ocasião  
de feições tão desmentida,

mais dura, e mais sacudida,  
vos julguei (porque o revele)  
qual cobra, que despe a pele,  
mas não põe emenda a vida.

## 2

Como não terá desgosto,  
quem adora uma beleza,  
se sem mudar natureza  
tão mudada está de rosto?  
para vós me dareis gosto,  
e pegardes minha fé,  
o que haveis de fazer, é,  
(por dar-me algum galardão) mudares de condição,  
mas de cara, para quê?

## 3

Cara, que já me agradara  
por bonita, e por graciosa,  
comigo e mudança ociosa,  
convosco é mudança cara:  
se Amor vos enganara, que me parecíeis bem,  
não tivéreis vos por quem  
fazer esta variação,  
sendo vária na afeição,  
e tão firme no desdém.

## 4

Não digo, minha Senhora,  
mal da vossa perfeição;  
quero Mariana de então,  
e não Mariana de agora:  
que quem vos ama, e adora  
tão firme, e constantemente,  
quer, que saiba tôda a gente,  
que minha alma enamorada  
não da Mariana passada  
por Mariana presente.

## 5

Quem faz mudanças na cara,  
bem que não no coração,  
sempre deixa a presunção,  
que por pouco se mudara:  
eu a amar-vos não chegara  
sem ter por delito atroz,  
que haja mudança entre nós:  
pois não só mudar se chama,  
irdes vós para outra Dama,  
como de vós para vós.

## 6

Ou mudada, ou não mudada  
vos afirmo reverente,

que sois mais môça ao presente  
para ser fruta passada:  
e está tão idolatrada  
de mim essa cara bela,  
que ou seja esta, ou aquela,  
o que agora importa, é,  
que deis um jeito, com que  
eu pobre me logre dela.

**A MESMA MARIANNA PEDINDO LHE FIZESSE HUNS VERSOS, ENCONTRANDO-A  
NO MAR INDO PARA FORA.**

DÉCIMAS

**1**

Os versos, que me pedis,  
podendo-os mandar formar,  
que vós por me não mandar,  
não mandareis dois ceitis:  
como sem assunto os fiz,  
pois vós a vosso contento,  
não destes o pensamento,  
os rasgues, por ser melhor  
assunto do meu amor,  
que o vosso contentamento.

**2**

Por sete anos de Pastor  
serviu Jacó a Raquel,  
eu servi a uma cruel,  
mais de sete anos de amor:  
a Jacó lhe foi traidor  
Labão: cuja aleivosia  
por Raquel lhe entregou Lia,  
e a mim não pior me vai,  
se me não engana um Pai,  
veio a enganar-me uma Tia.

**3**

Esta tão assegurada  
me propôs a refestela,  
que cuidei, que tinha nela  
a tutia preparada:  
enganou-me de malvada  
tanto pior, que Labão,  
que Lia a Jacó lhe dão,  
bem que com sorte trocada,  
e a mim nem Lia, nem nada  
me deram, dão, nem darão.

**4**

Oito anos há, que fiel,  
estou servindo a um amor,

que Labão não foi pior,  
porque vós sois a Raquel:  
esta ingratidão cruel  
foi o meu triste alimento  
oito anos, e fôra um cento,  
porque quem chega a querer,  
para ajudar-se a viver  
faz do Malquerer sustento.

## 5

Ontem vos topei no mar  
em uma barca tão breve,  
quem nem por ligeira, e leve  
os pôde a vista alcançar:  
pus-me logo a duvidar,  
vendo-vos ir sôbre pôpa,  
se sériéis vós Europa  
sôbre a vaca fabulosa,  
mas vós íeis mais formosa,  
do que Europa, e tôda Europa.

## 6

Se hei de dizer-vos verdade,  
e me haveis de crer a mim,  
até o meu bergantim  
ficou morto de saudade:  
ficou de tal qualidade  
a barquinha entropçada,  
que nem do vento impelida,  
nem do remo forcejada  
se moveu, antes pasmada,  
que a vi por vós perdida.

## 7

Com trabalho em tanta calma,  
(que o trabalho havia eu tido,  
por não haver conhecido;  
o que tinha dentro n´alma)  
leveí do perigo a palma,  
e ao pôrto o bergantim,  
e saindo dêle enfim  
soube já na terra lhana,  
que éreis vós a Mariana  
disfarçada em serafim.

## 8

Então fiquei mais absorto,  
mais sentido, e pesaroso  
mais amante, e mais saudoso,  
enfim então fiquei morto:  
nestes versos me conforto,  
pois nêles se queixa Amor:  
e inda que o vosso favor  
é coisa, que nunca espero,

digo ao menos, que vos quero,  
e alivio a minha dor.

**SENTIO-SE MARIANNA DE QUE O POETA PUBLICASSE SEU NOME SABENDO, O  
QUE DEVIA A THOMAZ PATRICIO, E QUE, PERSERVERASSE AINDA NA EMPREZA,  
AO QUE RESPONDE O POETA COM O SEGUINTE**

MOTE

Se tomar minha pena em penitência  
Do êrro em que caiu o pensamento  
Não abranda, mas dobra meu tormento:  
A isto, e a mais obriga a paciência.

GLOSA

**1**  
Bem conheço, Senhor, que hei errado,  
Em pedir-vos afeto tão rendido,  
Mas bem vêdes, que andei muito acertado,  
Em vos dar meu amor enternecido:  
Baste a pena de não ser vosso amado,  
Se punir-me quereis por atrevido,  
Que mereço da culpa a indulgência,  
Se tomar minha pena em penitência.

**2**  
Quando viram meus olhos a beleza  
Dêsse rosto, e os mates dessa graça,  
Logo a fé de querer-vos com firmeza  
Dedicar-vos pensei do amor por traça:  
Se julgais por arrôjo esta fineza,  
Ou dizeis, que é meu êrro por desgraça,  
Emendar-me, Senhora, não intento  
Do êrro em que caiu o pensamento.

**3**  
Sim dos tempos fiar posso a ventura,  
Porque o tempo domina na vontade,  
Mas medicina é esta, que não cura  
de uma amor excessivo a enfermidade:  
Porque eu logre essa rara formosura  
Quer Amor, que deixeis a crueldade,  
Que o remédio do tempo, como é lento,  
Não abranda, mas dobra meu tormento.

**4**  
Nesse cravo partido por fiança  
Se o remédio do tempo é aplicado,  
Não duvido, que só desta esperança  
Viver possa o amor mais alentado:  
Abster quero já agora da esquivança

Meu amor na esperança sossegado,  
Que a viver um amor em abstinência  
A isto, e a mais obriga a paciência.

## **ADOECCENDO MARIANNA GALANTEA O POETA SUA ENFERMIDADE.**

### ROMANCE

Enfermou Clóri, Pastôres,  
por ter de humana um só es.  
que também padece males,  
quem logra em si tantos bens.  
Clóri, digo, aquêlo extremo  
de formosura cruel,  
que a quantos vê, tira a vida,  
hoje prostrada se vê.  
Triunfa agora o achaque,  
o que nunca fez ninguém,  
porque levar Clóri à cama,  
o mal só agora fêz.  
Dizem, que adoeceu Clóri,  
por lhe faltar não sei quê,  
eu não sei, que faltar possa,  
a quem tão perfeita é.  
Mover dúvidas podia  
esta doença fazer,  
porque haver em Clóri faltas  
grande causa é de as morrer.  
Nunca quis Clóri sangrar-se  
nos bracos, senão nos pés,  
que de puro soberana,  
não dá seu braço a torcer.

Mostrou seu pé ao Barbeiro,  
que com suspensão cortês,  
inda que água era mui pouca,  
não podia tomar pé.  
Água fria pediu logo  
com brevidde, porque  
com a quente se podia  
tanta neve derreter.  
Então vadio o Barbeiro  
com Clóri quis entender  
que como a colheu descalça,  
dizem, que a picara bem.  
Desmaiou Clóri sentida,  
dando bem a perceber,  
que a tal sangria lhe custa  
gôtas de sangue esta vez.  
Com sal na bôca diverte  
o desmaio, mas eu sei,  
que bôca tão engraçada  
nenhum sal há de mister.

Que foi supérfluo o remédio  
do sal, não duvide alguém,  
porque quem é luz do mundo,  
sal da terra deve ser.  
Logrou bem o sangrador  
privilégios de Moisés,  
da pedra não, mas de um jaspe  
fez também sangue correr.  
Agora chegai, formosas,  
nestas côres aprender  
o melhor branco da neve,  
do coral o mais fiel.

Chegai a ver êstes mares,  
onde em crescida maré  
dentre a neve matizada  
belos rubis colhereis.  
Tôdas, as que amor lhe tinham,  
parece, que ódio lhe tem  
pelo muito, que desejam  
chegar seu sangue a beber.  
Mas todos ficam em branco,  
quando vêem convalescer  
a Clóri do seu desmaio,  
e da doença também.

**CONTINUA O POETA NA MESMA EMPREZA DE SER ADMITIDO FAZENDO GALA DO  
SEU MESMO DESPREZO.**

**MOTE**

Não me queixo de ninguém,  
se bem, que por vida minha  
que bastante causa tinha  
para queixar-me de alguém.

**GLOSA**

**1**

Queixar-me a mais não poder  
e despedir o pesar:  
amar, querer, e queixar  
e queixar-se do querer:  
eu, que isto sei entender,  
e alcanço, que me está bem  
não queixar-me de um desdém  
por mostrar, que estimo a causa,  
dando a meus alívios pausa,  
Não me queixo de ninguém.

**2**

Se me queixo de uma dor,  
abro a porta a meu tormento,

e não perco um sentimento  
porquanto gostos dá Amor:  
vencer a pena e melhor,  
que render-se a uma dorzinha:  
e quando a Parca mesquinha  
da vida os fios me corte,  
passarei por minha morte,  
se bem, que por vida minha.

**3**

Se Clóri de mui querida  
é alma do meu viver,  
porque a morte hei de temer  
dada pelas mãos da vida?  
que vida mais bem perdida,  
que dar eu, não sendo minha,  
a vida, a quem ma sustinha?  
e quando não baste isto,  
sei eu, por havê-la visto,  
Que bastante causa tinha.

**4**

Bastante causa tivera,  
já que não para queixar-me,  
para morrer, e matar-me  
por calar pena tão fera:  
e inda que a fineza era  
calar a rigor, de quem  
me mata a puro desdém,  
calar por mais perfeição  
não tira o ter eu razão,  
Para queixar-me de alguém.

**FOY PREZA MARIANNA PELOS REPETIDOS ESCANDALOS COM THOMAZ  
PATRICIO POR ORDEM DE SUA ILUSTRISSIMA, E RAYOVOSO O POETA DO  
PASSADO LHE FEZ ESTE.**

SONÊTO

Esta prêsa uma Dama do Xadrês,  
um nôvo serafim de Satanás,  
Aquela, que em querer muito a Tomás,  
Esta já feita a roupa de Francês.

Mudou de herege a Idolatrino Inglês,  
E sacrifica tanto êsse Mangaz,  
Que de tudo, o que tem vítima faz,  
E dá cos burros n'água desta vez.

Prêsa uma Dama? nome de Jesus!  
Mas eu digo, que foi reto o Juiz,  
Que a condena à prisão por esta cruz;

Porque o caso é tremendo, e o mundo diz,  
Que se mata uma Rôla, uma Avestruz  
Por um herege de tão grão nariz.

## **A FUGIDA QUE FEZ DA CADEYA MARIANNA COM O FAVOR DO CHANCELLER DA RELAÇÃO DESTE ESTADO, COM QUEM ELLA TINHA ALGUNS DESHONESTOS DIVERTIMENTOS**

### DÉCIMAS

**1**

Na gaiola episcopal  
caiu por dar no pinguelo  
um pássaro de cabelo  
pouco maior, que um Pardal:  
O Passareiro real  
ou de lastima, ou carinho,  
ou já por dar-lhe co ninho,  
brecha lhe abriu na gaiola:  
não quis mais a passarola,  
foi-se como um passarinho.

**2**

A Rolinha, que as amola,  
zomba, de quem se desvela,  
por colhê-la na esparrela,  
ou tomá-la na gaiola:  
não é passarinho a Rôla,  
que no débil embaraço  
caia de linho, ou sedaço,  
salvo um Mazulo nariz  
se lhe põem por chamariz,  
que então cairá no laço.

**3**

Se o Prelado tem jactância  
de a tornar a reduzir,  
ojos, que la vieron ir,  
no la veran mas en Francia:  
que ela de estância em distância,  
e de amigo em amigão  
assegura o cordovão,  
porque é segura cautela,  
que quem se prende com ela,  
não a dá a outra prisão.

**4**

Quem no mundo há de ter modos  
de prender uma mulher  
tão destríssima em prender,  
que de um olhar prende a todos:

que Medos, Partos, ou Godos,  
que Ministro, ou Regedor  
a há de prender em rigor,  
se ela àqueles, que por lei  
prendem da parte d'El-Rei  
prende da parte do Amor.

***Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística***